

Quis mais tornar acessível, partilhar contos publicados em pequenas edições e que muitos leitores não conhecem. Senti ainda vontade de atualizar a minha anterior coletânea de contos, com a qual já não me identifico. Mas aqui coube tudo, do ultramoderno de *Coisas que acarinho e me morrem entre os dedos entre os dedos* à ruralidade de *Humal*. Tanto num caso, como no outro, sou eu que estou lá. Não se pode ignorar a internet, que nos está a mudar, tal como não podemos esquecer que até há bem pouco tempo havia pessoas que não sabiam escrever, nem que a escrita existia...

É o caso do personagem de A Biblioteca.

Que foi meu vizinho. Esse conto é muito engraçado porque diz “livremente inspirado em factos reais”. Toda a gente pensa que estou a referir-me aos crimes. Mas não. É sobre um senhor que, no século XX, viveu até aos 21 anos sem saber que existia uma coisa chamada escrita. Quando dizemos que, graças à bendita internet, uma criança em qualquer parte do mundo pode ter acesso à mesma informação de uma criança de Nova Iorque não estamos a dizer tudo. Como esse tenho outros casos reais, que um dia posso usar.

Num dos contos glosa ainda o caso Joana, cujo corpo nunca foi encontrado e cuja mãe terá sido agredida pela polícia. Vai compilando histórias de jornais?

Sim, mas sem necessidade de me sentir atualizada. Por exemplo, só este mês me apercebi da verdadeira dimensão da tragédia do Mecco. Narrada por um escritor, seria uma história inverosímil. Nesse caso, não é a praxe, nem os rituais macabros que me interessam, mas o que estamos dispostos a fazer para pertencer, as dinâmicas de grupo e o que elas dizem de nós. Não sei se alguma vez conseguirei tratar todos os recortes, uns trágicos, outros redentores, que acumulou.

Sente-se, no entanto, que tem uma grande vontade de escrever sobre o agora.

Também. Escrevo para criar um mundo paralelo onde me sinto mais confortável ou para contribuir para que o mundo em que vivemos seja um pouco melhor.

Não são tarefas fáceis.

Mas temos de tentar. De outra forma, seria uma coisa vã. Num certo sentido, escrever é um ato muito infantil: fechar-me num quarto a alinhar palavras e pensar que alguém vai aderi, acreditar, gostar do que escrever. Sem uma dimensão ética, talvez não passe de uma vaidade esquisita.

O PODER DA ESCOLHA Como diz o título, tudo são mesmo histórias de amor?

Tudo são histórias de poder.



Dulce Maria Cardoso. A realidade é muito sugestiva e tentadora. O problema é poderes usá-la sem te transformares num abutre

Um título assim não venderia tanto. Mas seria mais realista. Todas as relações são relações de poder. Optei por este título porque o amor é o mais benigno dos poderes.

O que encontra literariamente nessas relações de poder?

A vida. Esse é o meu tema, o que me interessa explorar. O poder está muitas vezes associado ao mal, mas pode ser uma coisa boa. E deve ser exercido. Ter poder para acabar com uma situação injusta é maravilhoso. E uma responsabilidade. Um juiz deve ter o poder de repor a justiça. Um legislador, o de criar boas leis. Querem poder mais violento do que obrigar toda a gente a fazer ou deixar de fazer determinada coisa?

Qual o poder do escritor?

O de construir mundos, que é imenso. Às vezes é brincar a Deus. Os *Médus* ocupam mais espaço na

dia um exercício de extraterrestres tentar escravizar a espécie humana, gostava que pelo menos um deles a defendesse, tomasse o nosso partido.

É por isso que tem tomado tantas posições em defesa dos animais?

Apenas digo que já nos distanciamos tanto da vida natural que há coisas que não fazem sentido. O tigre quando decide caçar uma gazela parte esfomeado. É uma luta entre a vida ou a morte. Por mais que arguem-tem com a cadeia alimentar, nunca vi nenhum animal a congelar carne.

Essa é uma imagem que podemos usar para o homem em geral? Que direitos andamos a congelar?

Todos, na verdade. O modo de vida ocidental vai tornar-se insustentável e vamos pagar uma fatura muito elevada.

Para uma otimista, como já se conlssonou, essa não é uma visão muito pessimista?

Se fosse pessimista não achava que um ato individual pode fazer a diferença, que posso contribuir para um mundo melhor. A ação coletiva é muito importante, não há dúvida, mas as minhas decisões são ainda mais importantes, porque têm a vantagem de serem executáveis. Não preciso votar num político. Intervir no que está ao meu alcance torna-me mais livre.

A ARTE DA COMUNICAÇÃO Diz na sua autobiografia, escrita para o JL, e inserida neste livro, que teve de matar uma parte de si para se afirmar como escritora. Porquê?

Já me matei muitas vezes e provavelmente vou voltar a matar-me muitas mais. Não conseguia ser advogada e escritora ao mesmo tempo. Iive de decidir. E foi dramático. A escolha era entre uma vida economicamente estável e a incerteza. Crescer foi ganhar consciência de que não ia ter tempo para ser e fazer tudo o que queria. A certa altura, compreendi que estava condenada a ser escritora de serão, de fim de semana, de férias, ou se calhar nem isso, porque também levava processos para casa. Não dava.

Escrever é a sua profissão?

É igual a qualquer outra. Quem diz que consegue conciliar a escrita com outra atividade está de alguma forma a memorizá-la. Nunca ouvi ninguém perguntar a um médico se fazia outra coisa. Nem tudo se resume a uma questão de prazer. Como dizia um escritor, ter uma única ideia é trabalho para uma vida inteira.

Além de tempo para escrever, o que ganhou mais com essa decisão?

Toda a gente quer ser amada, aceite, lida. Mas desde cedo percebi que se isso não acontecer não há mal nenhum. A invisibilidade que os meus livros tiveram durante alguns anos deu-me uma segurança incrível. Se vender 10 exemplares claro que fico preocupada, mas não muito e apenas porque entendo a escrita como a arte da comunicação.

Em que sentido?

Tenho uma grande preocupação em chegar ao Outro. Estar numa redoma ou pensar que no futuro alguém vai perceber o que eu escrevi não me interessa. Se o leitor não perceber é porque falhei. Trabalho muito a linguagem por causa disso. Os contos e os romances têm muitas camadas, mas se alguma coisa não estiver perceptível eu mudo. Nada me dá mais prazer do que receber cartas de leitores a confessar que nunca tinham lido um livro e que mesmo assim adoraram *O Retorno*. Quando comeci a ler também procurei essa ligação direta.

Como foi a sua descoberta da leitura e da escrita?

Nunca tive livros em casa, sobretudo depois de regressar de Angola. Aos 14 anos, quando estava de regresso a Cascais, depois de uns anos em Três-os-Montes, já sabia que queria escrever. Só faltava saber o quê. Para resolver a vontade, tirei um curso de datilografia. Para esclarecer a dúvida, fui à biblioteca. Perante tantos livros escolhi aquele que estava a emocionar uma senhora, quase à beira das lágrimas. Era da Corin Teliado.

E gostou?

Devorei. Mas como a biblioteca ficava longe da minha casa, um dia decidi levar um livro maior. Sem saber quem era, calhou-me o Dostoiévski. Com ele aprendi muito. Aliás, formei-me e deformei-me com a Literatura. De tal forma que quando tive a minha primeira desi-



Tenho uma grande preocupação em chegar ao Outro. Se o leitor não perceber é porque falhei

lusão de amor lembrei-me imediatamente da *Madame Bovary*. Até essa altura eu pensava que amantes era coisas de solteiras. Depois de ler o livro, fiquei na dúvida: se calhar as minhas vizinhas, ou pior, a minha mãe também tinha um amante. Mas só naquele momento, quando me magoei a sério, percebi a inquietação do livro e da personagem.

Entrou na pele da personagem?

Completamente. Entendi que o amor era muito mais complicado. Mas também o contrário: que não era isso que queria para mim. Que não iria gostar de quem não gosta de mim. Com os livros também descobri que era relativamente simples viver num mundo paralelo. Já em Três-os-Montes transformava cada tarefa numa aventura, como se fosse uma personagem da minha própria vida. A realidade pode revelar-se insustentável. Precisamos de fugas. JM.



O poder está muitas vezes associado ao mal, mas pode ser uma coisa boa. E deve ser exercido